

CANDIEIRO FAMILIAR

JORGE DE LIMA

Nas noites de minha meninice  
existe um grande candieiro amigo,  
que sôbre a vasta mesa de jantar  
ilumina o meu serão antigo.

As doces sombras dos meus se projetavam  
na parede branquinha do salão.  
O primeiro cinema que eu conheci  
foram essas sombras de carvão.

À procura do velho candieiro  
vinham asas da mata se queimar;  
vinham de longe insetos viajeiros,  
borboletas de forma singular.

O candieiro era a lanterna mágica,  
que me fazia na parede branca  
o homem grande que eu queria ser  
e de que sou uma sombra, apenas sombra.

A ventania às vezes surpreendia  
as janelas abertas do ~~sala~~ solar  
e então as doces sombras se moviam,  
trêmulas, trêmulas a bailar.

Quem é lá? perguntavam.

- E' a ventania que la forte está.

E com o vento, como que entravam,  
e se espalhavam pelos vãos da sala,  
a mãe-preta, o pai-joão, tôda a senzala,  
todas as sombras que não vivem mais.

1-58  
todas

virem mas  
Bem  
Candieiro Familiar

32